

Bem-Te-Vi Crescer

Professor/a de crianças – 0 a 3 anos



Bem-te-vi Crescer - 2016/2
Revista do/a professor/a de crianças de 0- 3 anos

Estudos Bíblicos para crianças
Publicada sob a coordenação do Departamento Nacional de Escola
Dominical da Igreja Metodista. Produzida pelo Departamento
Editorial da Associação da Igreja Metodista - Angular Editora.

Secretaria Editorial

Joana D'Arc Meireles

Coordenação Nacional de Educação Cristã

Eber Borges da Costa

Departamento Nacional de Escola Dominical

Andreia Fernandes Oliveira

Luiz Virgílio Batista da Rosa – Bispo assessor

Redatora:

Telma Cezar da Silva Martins

EXPEDIENTE

Colaboração

Beatriz da Silva Faleiro do Nascimento

Carlos Guilherme Fagundes S. Magajewski

Elzi Cézar dos Santos Matos

Jonatas Cavalheiro

Jorçaine Andréa Morais

Kelly Bueno Aquino

Leda Wesley Cascioni

Maria Amélia Pereira Pinho

Rachel Brum

Renata Benvenuto Vidal Cardoso

Rosane Silva de Oliveira

Rosane Pontes

Silvia Navarro de Campos Silva

Revisão:

Neusa Cezar da Silva

Projeto Gráfico e Editoração

Alixandrino Design

Departamento Nacional de Escola Dominical:

Av. Piassanguaba, 3031 – Planalto Paulista

04060-004 – São Paulo

Tel. (11) 2813-8600

www.metodista.org.br



*As imagens/fotos foram cedidas pelos responsáveis legais das crianças.

01	A criança, a igreja e a missão	06
	Beatriz da Silva Faleiro do Nascimento	
02	Véspera de três nascimentos	08
	Jonatas Cavalheiro	
03	Depoimentos: Somos avó/avô, e agora?	10
	Rosane Silva de Oliveira Elzi César dos Santos Matos	
04	Infâncias: corpo e saúde	12
	Kelly Bueno Aquino (psicopedagoga) Rachel Brum (fonoaudióloga) Carlos Guilherme F. S. Magajewski (pastor) Sílvia Navarro de C. Silva (educadora física)	
05	Quando a criança começa a mentir?	19
	Rosane Pontes	
06	Preparando o ambiente para receber as crianças	23
	Leda Wesley Cascioni Renata Benvenuto Vidal Cardoso	
07	Programa para Chá de Fraldas	25
	Jorçaine Andréa Morais Telma Cezar S. Martins	
08	Programa de Culto do/a bebê	27
	Maria Amélia Pereira Pinho	

Sumário

Planos de aula

Histórias do Novo Testamento

01	E a casa não caiu	29	12	Deus nos ama	50
02	Jesus, um contar de histórias	31	13	Sempre tem lugar nessa mesa	51
03	Jesus veio para servir	33	14	Bons frutos	53
04	Jesus entre os doutores	35	15	Agradando a Deus	55
05	Os amigos de Jesus	37	16	Paulo ora pelas igrejas	57
06	Jesus é o Filho de Deus	39	17	Timóteo: menino que sabia das coisas	59
07	Um Reino diferente	41	18	Filemom e Onésimo: liberdade e amizade	61
08	A promessa se cumpriu	43	19	Aprendemos a ter fé	63
09	Espalhamos o amor de Deus	45	20	Mensagens de paz	64
10	É bom amigos/as a gente ter	47	21	O amor vem de Deus	65
11	Paulo pastoreia as igrejas	48			

Datas Comemorativas

22	Fé e festa (Dia de Ação de Graças)	67	23	Natal: Jesus Nasceu	69
-----------	------------------------------------	-----------	-----------	---------------------	-----------

Bem-te-vi Crescer é uma revista que visa auxiliar educadores/as e familiares das crianças na educação religiosa de seus alunos/as e filhos/as, na faixa etária de 0-3 anos.

A revista é organizada em duas partes: A primeira, com artigos que contribuirão com a reflexão sobre como a criança se desenvolve, aprende e se expressa; e também, como ela pode ser acolhida nos diferentes espaços da comunidade de fé. Dentre eles, destacamos o espaço de encontro na Escola Dominical e momentos como o Chá e o Culto do Bebê. A segunda parte é composta por 23 Planos de Aula com sugestões de textos e histórias bíblicas, músicas, e como organizar o ambiente e as atividades. Ainda nesse bloco, você tem dois estudos para as datas comemorativas: Dia de Ação de Graças e Natal.

Acompanhando a proposta da coleção Bem-te-vi¹, a temática desta edição foi desenvolvida a partir de um panorama bíblico do Novo Testamento, com o objetivo de apresentar a Bíblia para as crianças e, a cada encontro, oferecer informações sobre este Livro tão especial. Para que cresçam, desenvolvendo sua fé cristã, é importante que, as crianças conheçam a história de Jesus, seus ensinamentos e missão; conheçam também aqueles e aquelas que contribuíram para que os ensinamentos de Jesus fossem espalhados a todas as pessoas.

Ressaltamos que, como nas edições anteriores, a maioria das músicas sugeridas está disponível no CD Crescer: cantigas para bebês, produzido pelo Departamento Nacional de Escola Dominical. As outras músicas compõem o acervo de CDs produzidos pelo Departamento Nacional do Trabalho com Crianças, ou no CD Sombra Amiga & Água Pura,

produzido pelo Projeto Sombra e Água Fresca, disponíveis no site da Sede Nacional da Igreja

Metodista: <<http://www.metodista.org.br/escola-dominical>>.

Apresentação

PLANEJANDO AS AULAS: ALGUMAS DICAS

- Ler toda revista para ter uma visão geral das propostas de aula e providenciar, com antecedência, o material que utilizará.
- Reunir os pais/mães/responsáveis para compartilhar os temas propostos na revista e reforçar a importância da participação/presença de um deles/as, quando a criança tiver menos de 2 anos.
- Sugerir que os familiares adquiriam o CD Crescer para que aprendam e cantem as músicas com as crianças. Indicar o site: <<http://www.metodista.org.br/escola-dominical-musicas>> para que baixem outras músicas e vejam informações de como adquirir o CD Crescer.
- Caso tenha alguém, na sua comunidade, ou algum familiar das crianças que toque violão ou outro instrumento acessível ao espaço da sala de aula, pedir ajuda no acompanhamento das músicas ou utilizar o CD.

Esperamos que este material, somado à sua criatividade e compromisso com a educação cristã das crianças, se transforme em bons encontros entre crianças, familiares, professores/as e comunidade de fé.

Envie sua opinião sobre a revista e/ou sugestões de textos ou dinâmicas de aula para o e-mail: telma.cezar@metodista.org.br.

Ensina a criança o caminho que deve andar e ainda quando for velho, não se desviará dele. [Provérbios 22.6].

**Forte abraço,
Telma Cezar da Silva Martins**

¹ Coleção Bem-te-vi composta por 5 revistas: Bem-te-vi Crescer (0-3 anos); Bem-te-vi Jardim (4-6 anos); Bem-te-vi (7-9 anos); Bem-te-vi em voo (10-13 anos); Bem-te-vi Professor/a.

A Criança, a Igreja e a Missão

O livro *A Criança, a Igreja e a Missão*², de Dan Brewster, constitui um conjunto de temas e propostas que apontam para o grande desafio que a igreja possui atualmente, colocar a criança no centro. O autor enfatiza a importância de promover um desenvolvimento integral da criança a partir da sua posição nos relatos Bíblicos, especialmente no Novo Testamento.

A criança no contexto do Novo Testamento é colocada no centro do Reino de Deus (Mateus 18.1-5). Muitos de nós professores/as de escola dominical, pai, mãe ou responsável pelas crianças na igreja já ouvimos o versículo “dais tais é o reino dos céus” (Mateus 19.14), talvez, várias vezes. Esta ênfase de Jesus em utilizar a criança como exemplo para alcançar o reino dos céus e tantos relatos em que aparece a criança na Bíblia parece ter um propósito que, segundo Brewster, representa trazer a compreensão de que esse ser que muitas vezes achamos pequenos, dependentes, frágeis tem um valor inestimável para Deus e o deveria ter para nós. Elas (crianças) são exemplo e isso as coloca em um patamar que, talvez, nós adultos não conseguimos alcançar.

O autor do livro apresenta um comentário de Keith White, destacando que “a palavra criança é repetida várias vezes em todos os Evangelhos”, significando que Deus também escolheu vir ao mundo como um bebê. Mas, como um Deus tão imenso e poderoso pode ter escolhido vir ao mundo como uma criança, um bebê frágil e pequeno? A vinda de Jesus parece uma contradição, mas é nessa verdade que se estabelece o reino de Deus, justificando que precisamos ser como uma criança, um bebê, ou nos ensinando uma tarefa mais difícil ainda, que os bebês/crian-

ças têm um grande potencial e importância no reino de Deus. Além de se apresentar ao mundo como criança, Ele utilizou a fé dela para ensinar e influenciar adultos/as. Um exemplo foi a filha de Jairo, em que Jesus leva alguns de seus discípulos até a casa da menina morta e a ressuscita, para que eles vissem como a fé daquele pai salvou aquela criança.

A partir desses exemplos, percebemos que a dinâmica do reino de Deus está em volta da criança e que esse ser tão especial precisa de cuidados e atenção, no sentido de colocá-las na posição que é delas, de participantes desse reino. Assim, na perspectiva cristã, o autor propõe um desenvolvimento integral da criança. Mas como desenvolver integralmente? O que isso significa? Significa que “seres humanos, criados a imagem de Deus, são seres espirituais e físicos.” (p. 50). Somos completos, representando que temos sentidos, percepções, raciocínio, vida espiritual. E isso não é “privilégio” de adultos, mas também das crianças. O conceito da Bíblia para ser integral representa, segundo o autor, perfeição, harmonia, saúde restaurada, paz interior, respeito a nós e ao outro; ou seja, somos corpo e alma em comunidade (seres sociais). Um exemplo Bíblico de integralidade é o próprio crescimento de Jesus que “[...] ia crescendo em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens” (Lucas 2.52).

Assim, com o objetivo de estruturar o trabalho com as crianças, dar voz a elas e proteger seus direitos integralmente, o autor propõe que, nas igrejas, se consolide uma rede de trabalho em favor da criança (*networking*). Essa rede seria composta de uma equipe, que não é somente constituída por

¹. Membro da Igreja Metodista Betel em Santa Cruz, RJ – 1ª. RE, Pedagoga, Especialização em Super-
visão Educacional, Mestranda em Educação.

². BREWSTER, Dan. *A Criança, a Igreja e a Missão*. Viçosa, MG. Ultimato, 2015.



um grupo de pessoas que trabalham com crianças, mas por vários grupos de várias igrejas, com o intuito de fortalecer e solidificar o trabalho de desenvolvimento integral das crianças. O networking ajuda o grupo que trabalha com as crianças a “sentir o restante do corpo” (p.136). Ou seja, quando um grupo estivesse com dificuldades no desenvolvimento do trabalho com as crianças o outro poderia ajudá-lo, de forma que nenhum projeto ou ação ficasse prejudicada. Essa rede daria o apoio em todos os sentidos, físico, emocional, social etc.

Esta proposta de trabalho e de reflexão da importância da criança, seu papel na vida e missão da igreja nos desafia a perceber que podemos solidificar nosso apoio às crianças e trabalhar em conjunto, mostrando possibilidades de que podemos ajudá-las a ocupar seu lugar no reino de Deus em todos os sentidos.

“Preste atenção às crianças pequenas e perceba a abertura delas para a natureza, para as emoções, para com os outros, além do sentido de admiração e mistério.” (p.23).



Véspera de três nascimentos

De fato, o Senhor fez grandes coisas por nós, e por isso estamos alegres.

Salmo 126.3

Daqui a poucas horas você começará a tua história, permitindo a teus pais ver teu rostinho e pegá-lo nos braços.

É bem verdade que você já está conosco desde aquele exame que nos deixou em estado de graça.

Acho que não é exagero afirmar que desde que Deus uniu o pai e a mãe, temos sonhado contigo. Lembro exatamente o momento em que a tua mãe me ligou avisando o que o nosso coração já sabia. Era verdade! Ela estava grávida! A voz da mãe estava embargada, mal conseguia falar. Estávamos os dois assim: contendo o choro e, como quem sonha, explodindo de alegria.

Foram meses incríveis de espera. Lemos demais. Procuramos toda a informação possível, afinal, eu e a mãe não temos experiência alguma. Fomos aprendendo os três juntos. Você aprendia a ser. Nós também. Toda semana uma novidade. A cada etapa, uma vitória. Cada exame, uma alegria.

O médico da mamãe sempre te ouvia nas consultas. Colocava apenas uma gota de gel e acertava em cheio o lugar do teu coraçãozinho. E podíamos ouvir bem alto o som do amor de Deus por nós.

Tua mãe conseguiu sentir você mexer primeiro. O pai ficava chateado porque simplesmente não conseguia notar os primeiros e discretos movimentos. Até o dia em que, finalmente, consegui. Você mexeu na minha mão. E foi a mexidinha mais linda do mundo. Você já não era um embrião. Era um pequenino bebê que começava a ocupar lugares maiores dentro da mamãe, fazendo piruetas e rodopios.

Você já nos ocupava de forma completa.

Fomos atrás do teu quartinho, das roupinhas e de tudo o que você vai precisar logo de chegada. Os teus avós, bisavó, tia, tio, primo, as famílias dos dois lados, a nossa Igreja do Planalto e os amigos da mamãe e do papai se envolveram demais para que estivesse tudo em ordem para a tua chegada. Está tudo pronto! Até a roupinha do Grêmio você já tem!

Ontem, na tarde de domingo, você estava com um baita soluço. A barriga da mamãe pulava com ritmo. Foi engraçado. Rimos bastante. Ontem também olhei por um momento longo para o rosto da mamãe e pensei: “- o Papai do Céu faz tudo com perfeição e no momento certo”. Você terá a melhor mãe do mundo. Quem diz isso é aquele que encontrou nessa moça o seu lugar de paz, o seu melhor lugar.

O tempo passou e os meses se foram. O dia 04 de agosto está batendo à porta. É amanhã! Você está chegando!

Claro! Estamos ansiosos! Na verdade, penso eu, estamos apressados. Queremos que chegue logo o momento de termos você alcançado a nós pelas mãos de Deus.

Queremos que chegue logo o instante de ver seu rostinho, pezinhos, mãozinhas e discutir o que você herdou de quem.

Venha meu filho. Teus pais te amam de todo o coração. A tua casa está te esperando.

Você já tem preenchido nossa vida com um significado que ainda não conseguimos alcançar.

³. Pastor na Igreja Metodista em Vila Planalto, São Bernardo do Campo/SP - 3ª.RE.



Algumas coisas ficarão para trás, inclusive as noites bem dormidas. Nós sabemos disso. E não vemos a hora.

Agora, aqui, neste compasso de espera, tudo o que queremos fazer é agradecer Àquele que te traz até nós.

Bendito seja o Senhor que dá e renova a vida! Amanhã, você nasce e teus pais também.

Seja Ele teu Senhor, protetor e melhor amigo, desde amanhã e para todo o sempre.

Vem filho! Vem Bento!⁴ Te amamos com toda a nossa vida.

Mamãe e Papai

⁴. O Bento chegou bem e cabeludo, na noite de 04 de agosto, pesando 2,371kg. Está lindo. Puxou à mãe.



INFÂNCIAS: CORPO E SAÚDE

Senhor, obrigada pela Peppa

Carlos Guilherme Fagundes da Silva
Magajewski, pastor ⁷

De todas as fases da vida, aquela que se estende até cerca de três anos é a mais repleta de descobertas. Um mês neste ritmo de vida é uma eternidade. Logo perceberemos que aquele ser totalmente dependente, repleto de necessidades de uns meses atrás, se tornou alguém cheio de vontades e desejos! Criança é sujeito, desde sempre... Nós é que não costumamos atentar para as implicações que isso tem para o cultivo da sua espiritualidade na igreja e no lar.

Desde que introduzimos a alimentação, aos seis meses de idade, Liliane (minha esposa) e eu fazemos uma breve oração em voz audível com a Alice antes das refeições. À medida que a rotina de sono se regularizou em uma soneca à tarde e um sono longo à noite, também passamos a fazer oração audível junto a ela como parte do “ritual do sono”. Inicialmente, nós fazíamos todas as falas da oração, escolhendo palavras simples e bastante objetivas.

Agora, porém, Alice intervém com substantivos. Percebendo isso, nos adaptamos. Após o início da oração, ficamos alguns instantes silenciosos, durante os quais ela fala daquilo e daqueles que habitam seu mundo. Sempre os incluímos na oração. Assim, frequentemente oramos agradecidos pelo papai, pela mamãe, pela “bobó”, pelo “bobô”... mas também pela Peppa, pelo Mickey, pelo “bigô” (umbigo), olho, cabelo, pelo “mimi” (paninho), pelo “pipi” (chupeta), pela “lush” (luz), pelo “lélo” (amarelo), pelo “auau”, pela “banã” (banana).

Este contato com a Alice é sempre surpreendente. Ela recolore nosso mundo e nos

apresenta a um universo de preocupações e interesses que transcendem às nossas lidas cotidianas. Que diferença há entre agradecer ao Senhor pela Peppa e pedir-lhe que nos auxilie a pagarmos as contas da casa? Mundos diferentes, preocupações diferentes. O Criador preenche a estes dois mundos tão distintos de forma tão transbordante que não é a Alice quem aprende: nós também aprendemos, pois o verdadeiro Mestre é Jesus.

Na comunidade de fé, as crianças precisam de acolhida, espaço e acompanhamento, inclusive pastoral. Compete às comunidades de fé proporcionar espaços litúrgicos que ensejem a participação das crianças com suas inquietações e perguntas estarrecedoras. Ao término da distribuição dos elementos da Ceia, enquanto voltava ao seu lugar, uma de nossas crianças perguntou em alto e bom som: “Já posso comer?” Para nós estava claro... mas para esta criança afigurava-se misterioso.

Penso que estas perguntas não sejam apenas quanto ao momento correto de comer o pão, mas também quanto aos espaços que elas podem ocupar, o ruído que lhes é facultado produzir etc. Precisamos entender que nossas “regras internas” raramente são tão lógicas, claras, objetivas e universais como gostaríamos de supor. É de fundamental importância que não pensemos nelas como imposições, incluindo sanções e castigos, mas como uma organização do espaço, do culto e da vida em torno de princípios – dos quais a criança é convidada a participar. Mas igualmente nós teremos que entender que o ‘conforto acústico’ em uma igreja da qual não participam crianças será necessariamente distinto de outra comunidade repleta de pequenos e pequenas em suas celebrações. Lembremo-nos: o sábado foi

⁷Pai, aprendiz. Atualmente pastoreando a comunidade da Igreja Metodista Central de Santo André/SP – 3ª. RE.



feito em favor dos seres humanos. A Lei de Deus não deseja vedar os sábados aos seres humanos, mas tampouco anseia por um “sábado sem humanos”. Nossos espaços, costumes e regras explícitas e implícitas devem igualmente refletir este princípio em benefício de nossas crianças.

É necessário também que entendamos que a criança é parte integrante da comunidade de fé com os mesmos *direitos* dos adultos – e não apenas com uma lista interminável de “deveres a cumprir” e “silêncios a observar”. Ela tem direito a acompanhamento pastoral. Visitas hospitalares, telefonemas no dia dos seus aniversários. Não são apenas os papais/mamães que merecem parabéns. A criança também deve perceber que seus pastores e pastoras se preocupam com seu desenvolvimento, e que desejam fazer parte de sua vida “desde já” – e não apenas quando se tornarem adultos/as.

Além disso, é-lhes facultado o acesso irrestrito aos sacramentos. Precisamos resgatar a participação das mesmas na Ceia, não apenas no templo, mas na sua casa também. Recordo-me de uma família que pastoreei. A mãe, por motivos de saúde, não estava presente à celebração da Eucaristia. Naquela semana, fui ao seu lar. O menino deles – que contava 2 anos de idade – participou atentamente de cada passo da celebração. Quando chegou sua vez, comeu o pão e tomou o cálice de suco de uva lentamente. Para nós representa apenas um gole pequeno, que muitas vezes sorvemos irrefletidamente. Para ele, foram longos quatro, cinco goles. E ficamos nós, ali, observando respeitosamente enquanto ele se alimentava do Senhor. Ao final, ele me estendeu o copinho vazio, e, com um sorriso nos lábios, pediu: “mais”! Acho que ele havia entendido perfeitamente a alegria de pertencermos ao Senhor.

Gosto muito do Salmo 131. A imagem da criança adormecendo nos braços da mãe é profundamente tocante. É certamente uma das experiências mais primordiais que todos e todas nós experimentamos. A criança costuma se aquietar após as mamadas. Dorme aquele soninho gostoso, satisfeito... Pais e mães também ficam satisfeitos, perdidos em contemplação, cultivando aquele silêncio profundamente cheio de significados e da presença de Deus. À meia-luz, é tempo de observar detalhes, rememorar um dia muitas vezes agitado e dar graças ao Criador que nos sustentou em nossa caminhada.

Mas a pequena criança crescerá. O peito que aleita e alenta será substituído pela mamadeira. Virá a alimentação sólida. Primeiros passos, balbucios tornando-se palavras, a aparição de sentidos e significados por todos os lados. Perguntas e mais perguntas. Ainda assim, será nos braços maternos e paternos que ela se aninhará, ao final de mais um dia de descobertas. O vínculo já está criado: a criança-sujeito sabe a quem recorrer e onde se sente segura para mais uma noite de sono. Não é só o alimento que conta: o que importa é a presença. Assim, nós – pais, mães, pastores, pastoras, comunidades – podemos ser sinais desta presença divina de muitas maneiras na caminhada de nossas crianças. Sejamos os braços que as acolherão, sustentarão e orientarão no cultivo de sua espiritualidade! Haveria bênção maior que esta?



É preciso preparar o solo, tornar a terra fértil

Kelly Bueno Aquino, psicóloga⁸

Quando paramos para dialogar sobre a primeira infância, o período compreendido desde a gestação até os seis anos de uma criança, precisamos recordar que temos nesta fase uma janela de oportunidades, que precisam ser aproveitadas para semear.

Pensemos na sementeira. Quando semeamos, esperamos, em seguida, a colheita. Mas, se o processo de plantio não for bem cuidado, não teremos um bom resultado.

Quando me refiro a frutos, falo de crianças, sentimentos e ações. Sabemos quantas dificuldades encontramos ao nos propormos a cuidar de uma criança e educá-la.

Sempre defendi a qualidade do tempo com a criança, e não a quantidade. Porém, essa idéia tem sido alterada dia após dia, ao perceber que não há criação de vínculos, oportunidades de intervenção, percepção de gostos e trocas efetivas se não for investido no fator tempo. Para semear é preciso de tempo, é preciso conhecer essa criança e vice-versa.

Temos vivenciado e experimentado situações em que nos deparamos com famílias preocupadas e perdidas na criação de uma criança. Não é para menos, somos bombardeados/as constantemente por influências culturais opressoras, uma mídia violenta e sem censura e pessoas que reproduzem histórias de vida que mais parecem de morte.

Calma. Tem muita gente que ainda acredita, que ainda luta e quer mudanças. Tenhamos fé, atitude e muito amor.

Aquele ditado que “ações falam mais que palavras” é verdadeiro, quando nos referimos à educação de uma criança. Não há ensino que se compare ao exemplo.



Ensinar a criança no caminho em que ela deve andar exige de nós, primeiro, como pais e mães, comprometimento com a ética, a empatia e a vida.

Cobramos das crianças muito do que não fazemos. Inferimos os sentimentos delas, não respeitando seu choro, seu riso, sua brincadeira. Violentamos, quando pulamos etapas do seu desenvolvimento e ou a expomos à adultização.

A reciprocidade precisa permear nossas ações. A punição deveria estar fora do dicionário de quem se atenta a educar. Vivenciemos com nossas crianças relações mais saudáveis, mais leves e sem cobranças exageradas. Respeitemos seu tempo, avaliemos quem somos e o que queremos.

Olhe nos olhos da criança demoradamente. Cuide da terra, regue-a e colha os frutos.

Cuidados com o/a bebê: para se desenvolver, é preciso deixar se envolver

Rachel Brum, fonoaudióloga⁹

“Quando ouvi você me cumprimentar, a criança

⁸Psicóloga, Psicopedagoga, Mestre em Ciências da Religião, membro da Igreja Metodista em Rudge Ramos, SBC/SP - 3ª RE.

ficou alegre e se mexeu dentro da minha barriga”. (*Lucas 1.44*)

Desde a formação do bebê, o movimento corporal e as sensações são componentes do amadurecimento. Por volta do quinto mês de gestação, o sistema auditivo da criança está formado e ela começa a perceber os sons. Daí a importância de conversar com o bebê, ainda na barriga, já iniciando a relação do vínculo. Assim, após o nascimento, o relacionamento com o/a bebê e o modo como significamos suas reações influenciam diretamente seu desenvolvimento. Veremos, a seguir, a influência de três aspectos importantes no desenvolvimento inicial do/a bebê, e como a relação com eles fará diferença no seu amadurecimento.

Inicialmente, o choro é o primeiro canal de comunicação, e esse é universal. Independente da língua que a criança aprenderá como sua primeira língua (língua materna), o choro é a primeira expressão, a primeira forma de intencionalidade. Existem muitos estudos que tentam delinear as características acústicas do choro e seus significados, mas o fato é que o/a cuidador/a saberá, aos poucos, identificar o choro de manha, de dor, de fome... O contato corporal ajuda a acalmar o bebê e é tão benéfico para ele, que muitas unidades de saúde se utilizam do “Método mãe canguru”. Esse método refere-se ao contato pele a pele da mãe com o bebê (mas há relatos na literatura de que o método tenha sido feito com pai, e até irmão), levando à melhora na prática da amamentação e reduzindo as hospitalizações em bebês pré-maturos. Assim, também, ele se acalma ao ouvir a voz da mãe e precisa estar confortável (roupas adequadas à temperatura do ambiente). Na busca pelo equilíbrio, é importante sinalizar que não devemos ignorar o choro do bebê por longos períodos, nem mesmo ficar com o bebê no colo o tempo todo. Vale destacar que, em geral, as “manias” da criança, na verdade, são de quem cuida delas e devem ser observadas para que não gerem mais desgaste no relacionamento, do que momentâneas facilidades.

A alimentação também faz parte da relação mãe e filho. A Organização Mundial de saúde recomenda o aleitamento materno exclusivo até seis meses. Isso porque o leite materno possui todas as substâncias necessárias para o/a bebê. A criança nasce com a visão um pouco turva, e ele percebe melhor o rosto humano em uma distância de 20 a 30 cm, distância essa, ideal entre mãe e filho durante a amamentação. Depois dos seis meses, o bebê precisa receber alimentos complementares com o leite materno. Nessa fase, deve-se observar a consistência dos alimentos que são ofertados. A oferta de alimentos batidos e peneirados só trazem prejuízos ao seu desenvolvimento. Os alimentos, inicialmente, devem ser bem cozidos e bem amassados, evitando misturar tudo, evoluindo para uma consistência normal. Temos muitos músculos na face, que participam do ato de falar, mastigar e expressar emoções. A ingestão de alimentos muito pastosos atrapalha o fortalecimento desses músculos, e um pouco mais tarde, isso influenciará na aquisição da fala. Para articular os fonemas (sons da língua), precisamos que os músculos da face tenham força suficiente para produzi-los. Se a alimentação for muito facilitada, isso certamente levará a uma aquisição de fala tardia e com várias trocas de fonemas. Além disso, alimentos batidos e misturados dificultam o desenvolvimento do paladar, que precisa reconhecer os sabores para se especializar.



⁹ Fonoaudióloga. Membro da Igreja Metodista da Tijuca-RJ – 1ª RE.

Para estimular a fala do bebê, é necessário ofertar um contato de qualidade com a língua. Conversar com o bebê, contar histórias e ofertar modelos adequados de fala fazem diferença nesse processo de aquisição. Os primeiros sons, mais similares com o nosso idioma (Língua Portuguesa), se apresentam com as vocalizações, cuja emissão é composta por vogais curtas e/ou prolongadas. Depois, observamos a fase do balbúcio, quando as vogais começam a se unir com o som de consoantes. É comum que o primeiro grupo a ser associado, seja o correspondente aos sons das letras P, M e B (/p/, /m/, /b/). Mais uma vez, o relacionamento fará a diferença, pois é da significação que é dada pelos pais e pessoas que convivem com a criança, que estes sons ganharão significado. Assim, a produção de /papa/ só será a referência para papai, ou papa (de comida), se algum falante significar essa fala, até que ela seja produzida com essa intensão comunicativa, e assim por diante. Posteriormente, observamos a etapa de apontar realizada pela criança. Essa etapa é essencial e nos sinaliza que ela está pronta para falar. Contudo, se tudo o que a criança apontar, alguém lhe entregar ou executar por ela, a aquisição da fala será tardia. Vejamos... A fala tem uma função importante de estabelecer a comunicação, se tudo o que “eu” aponto alguém me entrega ou executa, para quê irei falar? Estejamos atentos a esta fase, para que durante a comunicação, ao apontar algo, a criança possa ouvir o nome do objeto ou da ação, de modo claro, repetidas vezes (dentro do contexto), sem distorções da voz ou da articulação. Ela precisa de boas referências de produção de fala, para que aprenda adequadamente.

Vimos com isso, a importância de se estabelecer o vínculo, usufruindo de ferramentas comunicativas como o choro e a fala, e até mesmo a alimentação. Participar e propiciar o desenvolvimento de um bebê é qualificar a convivência, o contato, a relação. Muitas crianças apresentam comprometimento em seu desenvolvimento, porque não possuem um cuidador que a permita vivenciar novas experiências, e que signifique seu amadu-

recimento. O desenvolvimento de uma criança, sugere que aos poucos ela não precisará mais de tanto envolvimento do adulto. Em cada fase ela apresentará um novo nível de aprendizado, de independência, permitindo que o seu cuidador se envolva um pouquinho menos, a cada dia, com suas atividades. Assim, se desenvolver é deixar de se envolver, propiciando autonomia para a criança. Uma relação saudável é repleta de afeto, de aprendizado, de trocas, de muito diálogo e de (des)envolvimento e trocas.

Corpo e Movimento

Silvia Navarro de Campos Silva,
educadora física ¹⁰

“Essas crianças não param um minuto”; “Parecem estar ligadas nos 220 v”, são expressões usadas por adultos/as, ao se depararem com a incrível energia e vitalidade das crianças. Afinal, por que é tão difícil fazer com que as crianças fiquem paradas?

A criança se expressa com seu corpo, através do movimento. O corpo possibilita a criança apreender e explorar o mundo, estabelecendo relações com os/as outros/as e com o meio, de forma a se descobrir.

Ao nascer, a criança se movimenta, aliás, desde o ventre da mãe e, dia após dia, vai adquirindo controle do seu corpo, bem como interagindo com o mundo ao seu redor. Engatinham, caminham, manuseiam objetos, correm, saltam, brincam sozinhas ou em grupo, com objetos ou brinquedos, experimentando sempre novas maneiras de utilizar seu corpo e seus movimentos. Dessa forma, a criança começa a expressar sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. Em outras palavras, o movimento permite à criança agir sobre o meio físico e a se socializar, interagindo com outras crianças e adultos.

No momento em que a criança brinca, joga, cria ritmos e movimentos, ela usa todo o seu reper-

¹⁰. Professora de Educação Física, membro da Igreja Metodista em Guarulhos – São Paulo/SP – 3ª RE



tório cultural, extraído de sua vivência pessoal. Quando impedimos essa realização espontânea de movimentos ou não procuramos facilitar a criação, estamos impedindo a criança de se expressar, de se comunicar e se relacionar com as outras pessoas (socializar-se).

Hoje, nossas crianças são criadas em ambientes pequenos, geralmente, apartamentos; muitos têm playground, mas o cansaço e a correria nos impedem de levar nossas crianças nesses ambientes. Mas todo esforço vale a pena; e podemos criar espaços dentro de nossa casa, adequando-a à criança. Não tenha medo de ver e deixar a criança criar movimentos. A cambalhota é o movimento mais temível pelos adultos/as, mas a chance de se machucar ou quebrar o pescoço é mínima, pois ela é muito flexível. Com a supervisão de um adulto (supervisão e não repreensão), podemos e precisamos incentivar a liberdade corporal da criança. Precisamos pensar em propostas que desafiem as crianças, constantemente, a ir e vir, a explorar ações que ainda desconhecem, a experimentar sensações e a conhecer o próprio corpo, possibilidades e limites.

Quanto mais amplitude cultural de movimentos a criança adquirir e experimentar, maior será seu desenvolvimento motor e cognitivo. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI, quanto ao objetivo das capacidades a serem desenvolvidas nas crianças de 0 a 3 anos e com respeito ao movimento diz:

- ▣ familiarizar-se com a imagem do próprio corpo;
- ▣ explorar as possibilidades de gestos e ritmos corporais para expressar-se nas brincadeiras e nas demais situações de interação;
- ▣ deslocar-se com destreza progressiva no espaço ao andar, correr, pular etc., desenvolvendo atitude de confiança nas próprias capacidades motoras;
- ▣ explorar e utilizar os movimentos de preensão, encaixe, lançamentos etc. para o uso de objetivos diversos.

A importância do movimento como expressão, no processo de desenvolvimento da criança pequena, é um fator importante que pode guiá-la para melhor qualidade de vida no futuro.



Outro fator importante, quando pensamos em movimento na infância, é o estado de inatividade física prolongada nesta fase, conhecido como sedentarismo infantil, que vem ocupando cada vez mais espaço nas discussões de educadores/as, especialistas e familiares. É crescente o número de crianças que, além de passarem horas do dia pouco envolvidas em atividades motoras, quando as realizam, demonstram pequeno interesse. Algumas até se sentem mais realizadas quando estão usando seus tabletes, jogando vídeo games, cada vez mais modernos, do que quando estão correndo e pulando!

Nós, adultos/as, sabemos que qualquer atividade física envolve dedicação e esforço, até que se torne prazerosa (lembre quantas vezes iniciou e depois abandonou um programa de ginástica, dança, luta...). As crianças, para gostarem do movimento, precisam, desde cedo, ter contato intenso com o próprio corpo. Precisam de espaço para se mover, materiais para a estimular e interação com outras crianças e adultos/as. Quanto mais vivenciarem movimentos, mais terão facilidades de aprender movimentos específicos, o que trará a ela o grande interesse e

prazer em praticar esportes e outras atividades físicas, pois terá facilidade em aprender novos movimentos.

Os jogos de vídeo games, os computadores não vão desenvolver o sistema cardiorrespiratório de nossas crianças, e elas serão seriamente prejudicadas, quando pensamos nelas, num futuro bem próximo, podendo trazer, também, a obesidade, o diabetes e outras doenças que, no passado, somente pessoas mais velhas tinham.

*“Não sabeis vós que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?”
(1 Coríntios 3.16)*

Em 1 Coríntios 6.19, o apóstolo Paulo também afirma que nosso corpo é “templo do Espírito Santo”. Sendo assim, temos a responsabilidade de cuidar do nosso corpo e, partindo do texto bíblico *Provérbios 22.6* “ensina a criança no caminho que deve andar...”, também devemos estimular e ensinar as crianças a cuidarem do seu corpo. Se nosso corpo é templo do Espírito Santo e este é puro movimento, assim também deve ser e estar o nosso corpo, “em movimento”.

Tema: E a casa não caiu

Versículo do dia: “Caiu a chuva, vieram as enchentes, e o vento soprou com força contra aquela casa. Porém ela não caiu porque havia sido construída na rocha.

(*Mateus 7.25*)

Palavra-Chave: Segurança

Preparando o ambiente: Providenciar duas caixas (de sapato): uma cheia de pedrinhas e outra cheia de areia. Fazer o desenho de duas casas semelhantes, em folha de papel A4, sem pintar. Colocar as caixas no chão, no centro da sala e os desenhos das casas no mural ou em um painel.

Acolhida: Recepcionar as crianças com alegria, expressando a cada uma sua satisfação por cada presença. Convidá-las para observarem as caixas com areia e com pedra ao centro do tapete. Sentar ao redor das caixas e incentivar as crianças maiores a passarem a mão nas pedrinhas e na areia, para sentirem a diferença e textura. Cantar a música *Gratidão* (CD Crescer, faixa nº 2-DNED), em postura de oração, para iniciar a aula.

Roda da conversa: Após passarem as mãozinhas na areia e nas pedras, mostrar as imagens das duas casas, ainda sem cor, e motivar as crianças para que juntas pintem as “casas”, deixando-as bem coloridas (usar o giz de cera). As casas podem ser pintadas por todos/as, juntamente, não importando se cada uma pintar com cores diferentes, contanto que todas participem. Enquanto pintam, conversar sobre o lugar onde moramos: modelos diferentes de casa (grandes, pequenas, altas, baixas) e falar sobre a construção de uma casa. Acabada a pintura, alicerçar as casas: uma na caixa que contém areia e a outra na caixa que contém pedrinhas. Falar sobre o que é preciso para construirmos uma casa de tijolos ou de madeira. Caso for possível, trazer imagens de diferentes casas, para as crianças observarem as diferenças.

Hora da História: Jesus contou uma história a seus amigos sobre as duas casas. Havia dois homens que queriam construir suas casas. Um deles construiu na areia. E ficou bonita! O outro homem fez sua casa, mas a firmou na rocha. Ficou bonita também! Um dia, o céu escureceu e começou a chover muito, mas muito forte!!! (metade do grupo esfrega as mãos com energia). Sopram os ventos (fazer barulho de vento) E muita chuva (todo grupo faz o barulho de chuva forte esfregando as mãos ou usar um pau de chuva). O vento bateu com força sobre aquelas casas (fazer barulho). E a casa que estava sobre a areia... caiu. Não estava muito firme, construída na areia, ficou fraca. Mas a casa que estava firme sobre a rocha... Ah!... Essa não caiu, porque a rocha é forte e segurou aquela casa. (Enquanto contar a história, movimentar as casas, fazendo com que a casa que está sobre a areia caia.)



Recitar a letra da música: Na rocha firme e pedir que as crianças repitam:

Na rocha firme o homem construiu - A sua casa ele construiu - E a chuva já caiu. - A chuva caiu e a água subiu. E a casa na rocha ficou.

Na fofa areia outro homem construiu - A sua casa ele construiu - E a chuva já caiu. - A chuva caiu e a água subiu - E a casa na areia tombou, Bum!

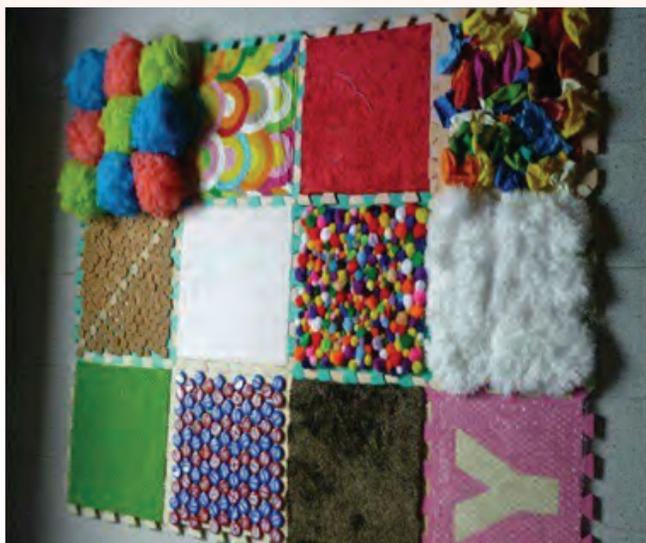
Oração: Nós Te agradecemos, Jesus, porque o Senhor é nossa rocha, porque cuida da nossa vida, segura firme nossa mão e nos ensina coisas importantes e boas para nossa vida. Amém.



Sugestões de atividades:

1. Percepção tátil: Confeccione um tapete de sensações, utilizando vários materiais de texturas diferentes. Motive as crianças a, descalças, caminharem pelo tapete ou passarem as mãos observando a diferença: áspero, liso, macio.

diferentes objetos dentro, para que façam sons diferenciados. Brinque de adivinhar se o que está dentro da caixinha é liso, áspero, macio. Ao visualizar estimule a observação da cor, barulho e se o objeto que está dentro é forte ou fraco.



2. Caixa surpresa com materiais para estimulação sensorial: visual, auditiva e tátil. Providencie várias caixinhas de diferentes cores e texturas, com



3. Adivinhação- Quem é? A professora ou uma criança que, livremente, se dispuser, com os olhos vendados, tenta descobrir quem é a criança que está mais próxima dela.

Tema: Jesus, um contador de histórias

Versículo do dia: “Por isso, vos falo por parábolas [...]. (*Mateus 13.3a*)

Palavra-chave: parábolas/histórias

Preparando o ambiente: Providenciar uma mala ou uma caixa com vários livros de histórias infantis e histórias bíblicas (se possível, livros sem textos, de pano, para banho), para os bebês manusearem. Organizar um espaço de leitura no chão, colocando um tapete, almofadas.

Acolhida: Receber as crianças com alegria e entusiasmo, abraçando cada uma delas e seus responsáveis. Cantar algumas músicas ou disponibilizar vídeos com músicas e histórias bíblicas do Novo Testamento. Sugestão: (CD Pelas Mãos de uma criança ou Crescer, disponíveis no site da Igreja Metodista - <http://metodista.org.br/escola-dominical-musicas>)

Roda de Conversa: Conversar sobre a Bíblia, ressaltando que é um livro muito especial, e nele encontramos muitas histórias que Jesus contou. Explicar que Jesus gostava muito de ensinar contando histórias.

Hora da História: *[Escolher uma das parábolas para contar para as crianças. Muitas delas estão em livros para crianças, numa linguagem própria para elas. Sugestão, a parábola da ovelha perdida - Lucas 15.3-7].*

Débora

A Bíblia conta a história de uma mulher poderosa.

Seu nome era Débora, uma juíza corajosa.

Ela dizia ao povo o que era certo ou errado e também aquilo que precisava ser mudado.

Falava sobre a vontade de Deus, e assim, com muita coragem, defendeu os seus.

Venceu uma grande luta contra os inimigos que, diante do poder de Deus, ficaram perdidos.

Essa grande mulher, com alegria e gratidão, tocou e cantou uma linda canção.

Oração: Senhor, cantamos para Te louvar. Tu és o nosso Deus. Amém.

A ovelha que se perdeu²¹

Um pastorzinho tinha cem ovelhinhas. Elas eram brancas, pretas e marronzinhas. Um belo dia, uma ovelha curiosa saiu do rebanho e perdeu-se na mata perigosa.

No fim da tarde,
Suas ovelhas, o pastor contou.
E ficou muito triste,
Ver que uma ali faltou.

Ele logo saiu aflito,
A procurar sua ovelhinha,
Que caída estava
Num buraco, encolhidinha.

Ele procurou, procurou, até que a encontrou.

Pegou-a no colo e com carinho a carregou.

Deu-lhe abraços e dinguinhos
E encheu-a de carinhos.

Assim, também, é o nosso Deus.

Quando alguém do caminho se desvia,
Ele sofre e procura,
Quando encontra, se enche de alegria.

²¹. Poema de Elaine Cezar, extraído do livro: Poemas e Diversão – um olhar para vida. Jundiá: Texto&Textura, 2015. <http://www.textoetextura.com.br/> ou pelo e-mail: poemasediversao@gmail.com



Oração: Senhor Jesus, obrigada por nos ensinar através das histórias. Amém.

Sugestões de atividades:

- 1. Leitura de histórias:** Motive as crianças a, depois de escolherem um dos livrinhos de histórias bíblicas da caixa ou da mala de histórias, contarem as histórias, do seu jeito, para seus amiguinhos/as.
- 2. Vídeo:** Providencie, com antecedência, um vídeo que conte a história da ovelha perdida. Sugestão: Parábola da Ovelha Perdida <https://www.youtube.com/watch?v=zwPxRMKlwng>
- 3. Brincadeira.** Esconda uma ovelhinha de pelúcia e motive as crianças a procurá-la. Sinalize com a dicase está quente ou frio, conforme se aproximam do lugar onde escondeu a ovelhinha.

Tema: Jesus veio para servir

Versículo do dia: “[...] quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse que vos servirá.” *(Marcos 10.43b)*

Palavra-chave: serviço

Preparando o ambiente: Espalhar alguns brinquedos e outros objetos pela sala deixando o ambiente um pouco bagunçado.

Acolhida: Receber as crianças com alegria. Depois que todas chegarem convidá-las para cantar a música *Vamos brincar* (CD Crescer, faixa nº 25 -DNED). Após cantarem duas vezes, organizar as crianças em roda, motivando que respirem lentamente até se acalmarem.

Roda de Conversa: Convidar as crianças a olharem para a sala. Perguntar se está arrumada ou bagunçada. Conversar sobre se quando bagunçamos um lugar, é preciso arrumar depois. Quem arruma? A mamãe? O papai? Falar sobre o quanto é importante um ajudar o outro; sozinho, tudo fica mais difícil. Jesus ensinou que sempre temos que estar prontos para ajudar.

Hora da História: [Mostrar a Bíblia e explicar que a história que será contada fala que Jesus nos ensina sobre a importância de servirmos (ajudarmos) uns aos outros/as. Declamar umas duas vezes o poema abaixo. Na segunda vez, motivar as crianças a falarem juntas as últimas palavras dos versos da segunda e terceira estrofes do poema].

Jesus nos ensina a servir²²

Mais uma lição

Jesus ensinou:

Quem quiser ser o grandão,
Sirva e ajude seu irmão.

Jesus, Filho de Deus, é o Senhor.
Veio para servir com sua vida e amor.

Oração: Senhor Jesus, nós Te agradecemos, porque aprendemos que ajudar é muito bom. Amém.

²². Poema de Elaine Cezar





Sugestões de atividades:

1. Cantando e ajudando. Motive as crianças a arrumarem a sala, cantando a música *Arrumação* (CD Crescer, faixa nº 27 – DNTC).

2. Colagem e desenho. Providencie imagens de diferentes pessoas e cole-as numa folha de papel tamanho A3 ou metade de uma cartolina (uma para cada criança). Com giz de cera, motive as crianças a completarem, desenhando o que essas pessoas estão fazendo para ajudar uma as outras.

3. Colagem e desenho. Providencie imagens de diferentes pessoas e cole-as numa folha de papel tamanho A3 ou metade de uma cartolina (uma para cada criança). Com giz de cera, motive as crianças a completarem, desenhando o que essas pessoas estão fazendo para ajudar uma as outras cada um/a da dupla e, com o esse contorno, criem um desenho.